

# Psicanálise de crianças e constituição do sujeito

Silvana Rabello  
Juliana Hernandez

Do ponto de vista ético, é urgente supor um sujeito ali onde ele ainda não está completamente constituído. Este é também um pressuposto técnico do trabalho psicanalítico com crianças.

**P**ensar a psicanálise é problematizá-la. Nesse sentido, podemos dizer que a psicanálise de crianças tem um papel relevante na oferta de impasses teórico-técnicos que produzem interrogações e promovem transformações. Desde a análise do “pequeno Hans”, onde a rigor a análise foi proposta tendo o pai do menino como agente da interpretação, muitos movimentos têm acontecido no pensamento dos psicanalistas que se dedicam às crianças.

Freud não acreditava estar analisando uma criança; dizia que a terapia psicanalítica não seria universalmente aplicável, exigindo uma determinada maturidade dos doentes, e sendo, como consequência, inútil em crianças. Mas com este atendimento, quase à sua revelia, as portas se abriram para o trabalho psicanalítico com crianças. Freud pôs em evidência que era possível fazer uso da interpretação e de seus efeitos.

Também para Anna Freud as crianças não tinham condições de análise, na medida em que não as considerava dotadas de um aparelho psíquico totalmente constituído; como o superego ainda não havia sido instaurado, havia limitação na capacidade de simbolização e compreensão tanto de interpretações, como da regra fundamental. Anna Freud também via a impossibilidade de uma criança desenvolver uma transferência completa<sup>1</sup>. Em função destes pressupostos, defendia que as crianças

**Juliana Hernandez** é psicoterapeuta, membro da equipe do projeto Espaço Palavra (PUCSP) e aluna do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica na PUCSP.

**Silvana Rabello** é psicanalista, mestre em Distúrbios da Comunicação, professora na Graduação em Psicologia, na Especialização em Teoria Psicanalítica e coordenadora e supervisora do projeto Espaço Palavra (PUCSP), membro do Departamento de Psicanálise e professora no Curso de Psicanálise de Crianças no Instituto Sedes Sapientiae.

precisavam passar pelos processos educativo e informativo para, caso tivesse ocorrido sucesso neste primeiro momento, serem posteriormente analisadas. Freud defendia, com ela, que tecnicamente este processo deveria se dar através da tutela dos pais.

Vemos que existe aqui, como na atualidade, uma preocupação do psicanalista com o que ainda não estava constituído no psiquismo da criança, mas o enfoque educativo e informativo é muito diferente do que a psicanálise utiliza atualmente.

### Por constituir ...

Podemos considerar que um modelo de trabalho clínico com crianças só veio a se consolidar através das diversas tentativas de adaptação da técnica psicanalítica à situação particular deste atendimento.

Melanie Klein marca a entrada decisiva das crianças no universo da psicanálise e, ao fazê-lo, abre um leque de questionamentos acerca da possibilidade desta clínica. Mesmo a população infantil sendo entendida como compartilhando do conflito sexual edípico, nela não havia a necessária adequação aos princípios técnicos fundamentais da psicanálise - a associação livre - pelo menos não da maneira como Freud a concebia. Crianças não falam, ou não como os adultos, crianças brincam. E como interpretar o seu brincar? Pensar esta peculiaridade possibilitou que o texto do brincar fosse lido como um texto analítico. A partir desta conquista, Melanie Klein revela sua maestria ao abrir questionamentos teóricos e técnicos que repercutem até hoje no universo psicanalítico.

Para Klein não há impedimentos para a realização de análise com crianças. O estabelecimento transferencial não é uma preocupação para ela, pois concebe a capacidade infantil de estabelecer transferência como espontânea (diametralmente oposta, portanto, a Anna Freud).

Melanie Klein introduz também a possibilidade de análise de uma criança com graves entraves na organização de seu psiquismo precoce - o caso Dick - apresentado em seu texto de 1930 "A importância da formação do símbolo no desenvolvimento do eu". Este é um texto fun-

dos acontecimentos que todavia são futuros e estão expostas, portanto, às vicissitudes de sua inscrição. Daí que, com certa justiça, podemos afirmar que aos terapeutas de crianças se agrega uma obrigação: ocuparmos do que todavia não está constituído".<sup>2</sup>

A evolução das produções lingüísticas é uma das importantes manifestações do desenvolvimento: os distúrbios nesta área são impasses da constituição do psiquismo.

damental para aqueles que trabalham como psicanalistas de crianças, pois nele, além da autora mostrar a possibilidade de intervenção junto a uma criança, ela apresenta uma densa discussão teórica sobre o funcionamento psíquico precoce; apresenta também um modelo de interpretação possível na análise destas crianças.

Dando um salto histórico de décadas, em 1964, Maud Mannoni publica *A criança retardada e a mãe*, introduzindo através desta obra a criança com deficiências no campo terapêutico da psicanálise. Os questionamentos entre os estudiosos deste campo de atuação caminham até o momento presente, quando muitas discussões são dedicadas às questões da constituição do sujeito psíquico. Como diz Alfredo Jerusalinsky: "Ocorre que, no adulto, mesmo que esta afirmação possa resultar problemática e mereça maiores precisões, o sujeito está, em geral, constituído. Ao contrário, nas crianças, mesmo que as articulações constituintes desse sujeito já estejam previamente configuradas na ordem do discurso, elas padecem, sem dúvida, da fragilidade própria

### Possibilidades de diagnóstico

Influenciadas pelo que a escola francesa tem oferecido para pensar a respeito, trabalhamos num serviço da Clínica Psicológica da PUCSP que oferece a clínica psicanalítica a pacientes que apresentam sintomas e transtornos no desenvolvimento da linguagem. Usamos "transtorno" de acordo com a concepção de Silvia Bleichmar: falhas lingüísticas que não são da ordem sintomática, isto é, da ordem de formações substitutivas, mas, antes, alterações lingüísticas que indicam falhas na instauração do recalamento originário, e que apontam para a não-constituição dos sistemas inconsciente e pré-consciente com funcionamentos distintos.

Entendemos que a evolução das produções lingüísticas é uma das importantes manifestações do desenvolvimento do psiquismo; conseqüentemente, os distúrbios lingüísticos são impasses da sua constituição. A psicanálise, desde Freud, encontra nas produções lingüísticas do sujeito as evidências do funcionamento psíquico marcado pela cisão

inconsciente-pré-consciente: os atos falhos, os esquecimentos... E. Benveniste observa com razão: "Em primeira instância, encontramos o universo da palavra, que é o da subjetividade. Ao longo das análises freudianas, percebe-se que o sujeito se serve da palavra e do discurso para *representar-se* a si mesmo, tal como quer ver-se, tal como chama o *outro* a comprovar. O seu discurso é apelo e recurso, solicitação às vezes veemente ao outro, através do discurso, onde se coloca desesperadamente, recurso com freqüência mentiroso ao outro para individualizar-se aos próprios olhos."<sup>3</sup>

Mas aqui estamos falando de neuróticos. Há uma outra articulação que ordena o curso do pensamento quando nos encontramos face à produção discursiva de pacientes psicóticos: falas "aparentemente" sem sentido, ausência ou inversão do uso pronominal, perguntas repetitivas inesgotáveis, ecolalias. Quando pensamos em crianças que vivem impasses importantes no processo de constituição da sua condição de sujeito psíquico, inevitavelmente verificamos produções discursivas peculiares.

Gostaríamos de partilhar brevemente as experiências e questões que vivemos no trabalho com estas crianças buscando interlocução e novos espaços para pensá-las. Apresentaremos algumas das questões que já formulamos e outras tantas que ainda não podemos vislumbrar claramente, acreditando que esta busca possa ajudar-nos nesta nomeação.

### O Infantil e o aparelho psíquico

As interrogações da clínica psicanalítica transformam incessantemente o panorama da sua teoria e da sua técnica. Esta é, aliás, a proposta do pensar psicanalítico desde Freud - que os impasses da clínica coloquem à prova o arsenal teórico que a orienta, exigindo reformulação e precisão.

O "infantil", objeto privilegiado na metapsicologia psicanalítica, refere-se a marcas fundantes do sujeito e portanto determinantes da sua estruturação psíquica singular<sup>4</sup>. Isto se diferencia do que normalmente entendemos como infantilização (puerilidade).

O psiquismo, segundo Freud, é concebido como um aparelho necessário para lidar com as demandas de excitação que atingem o organismo e que não podem ser descarregadas prontamente, como o seriam no modelo do arco reflexo. Estas excitações se caracterizam principalmente pelo seu caráter endógeno e, por este motivo, o organismo não pode livrar-se delas pela esquiva. Esta quantidade acumulada no organismo criaria trilhamentos (*Bahnungen*) desenhados pelas características desta quantidade, da mesma forma que as pessoas desenhavam trilhas na mata, deixando marcas que significam o percurso transcorrido. Estas marcas carregam a história que exigiu este trilhamento, e a qualidade e o esti-

dos *Sonhos* (1900) e *Para Além do princípio do prazer* (1921), sugerem um modelo de psiquismo que se constitui através de traços, traços mnêmicos, ordenados a partir do semelhante. O aparelho psíquico é um aparelho de memória. Os traços mnêmicos que se acumulam através das experiências de um sujeito se organizam e se reordenam a partir dos primeiros, os quais exercem uma função de fundação e de referência para os que seguem.

Neste sentido, todo sujeito psíquico transita pelas marcas deste "infantil" - fundante - que o nomeia de maneira única. Sua história. Uma história que, como qualquer outra, não pode ser ingenuamente entendida como compilação de fatos reais e inequívocos, mas sim como construção subjetiva complexa de si próprio e do mundo circundante, através de um exercício identificatório constante com as referências simbólicas norteadoras.

Quando falamos de constituição do sujeito psíquico, falamos de uma

O infantil, objeto privilegiado da metapsicologia, refere-se a marcas fundantes do sujeito, e portanto fundantes da sua estruturação psíquica singular.

lo empregados em sua construção. A descarga desta quantidade dependeria porém, da ação específica de um semelhante.

Estas idéias, apresentadas por Freud em toda a sua complexidade no *Projeto para uma psicologia científica* (1895) e retomadas em textos posteriores como *A Interpretação*

trabalhosa construção que se dá sobre estes traços, o material mnêmico - uma série de reordenamentos que atingem o seu ápice no momento do recalçamento originário, através do qual se organizam enquanto sistema primário e secundário, ou em outras palavras, em funcionamento inconsciente e pré-consciente. Estes reor-

denamentos marcam o sentido temporal peculiar da psicanálise que não segue a direção da continuidade e sim a da ressignificação, isto é, do segundo para o primeiro tempo - o *après-coup*.

Sem estes movimentos reordenadores, a criança fica destituída de referências claras sobre si mesma e sobre o outro com quem faz interlocução; o reordenamento último - o *recalcamento originário* - possibilita uma organização neurótica e um sujeito psíquico permeado pela cultura. Crianças com impasses nessa constituição apresentam uma relação prejudicada com os códigos assimilados no contato humano, não conseguindo partilhá-los.

É com estas crianças que apresentam relação prejudicada com os códigos da língua, devido a falhas na sua constituição enquanto sujeito psíquico, que trabalhamos no serviço - Projeto Espaço Palavra - que existe desde 1987<sup>5</sup>. Entre estas, algumas são portadoras de síndromes genéticas ou neurológicas - como afasia, dispraxia e outras - ou quadros de privações sensoriais - como a deficiência auditiva e/ou visual - e, além disso, apresentam dificuldades na constituição da sua condição de sujeito psíquico.

Queremos enfatizar que as dificuldades que estas crianças vêm

enfrentando quando chegam ao serviço não são uma expressão de distúrbios orgânicos, mas de uma contingência subjetiva<sup>6</sup>. Muitas vezes o sofrimento narcísico que acompanha os pais de uma criança portadora de qualquer tipo de distúrbio orgânico ou não, impede-os de reconhecer nela o filho desejado em suas fantasias de concepção. Mas notamos o quanto a contingência orgânica colabora com este processo obstaculizador.

Quando estes pais não encontram recursos para se reconhecer neste ser em falta, resta apenas o reconhecimento da "falha" que esta criança apresenta e representa. Para ela só é oferecido este lugar - o da falha - no qual se torna impossível constituir-se enquanto sujeito psíquico, sujeito do desejo. Neste caso, a falha estanca o vir a ser e fica no lugar do espelho constituinte (olhar desejan-te) que, além de conferir (refletir) unidade para ressignificar a imagem de corpo fragmentado de uma criança, deveria oferecer a ela um lugar simbólico: temos um *espelho quebrado*.

Neste projeto, portanto, atendemos crianças que, sejam elas portadoras ou não de distúrbios orgânicos, encontram importantes obstáculos para o vir a ser enquanto sujeito psíquico. Normalmente estes

obstáculos se referem a *este espelho quebrado*, mas devemos lembrar que para que um espelho se quebre não é preciso que exista uma contingência orgânica. Ele pode se quebrar de maneiras singulares, como singulares são os caminhos de subjetivação de um sujeito. Sendo assim, estas crianças chegam ao projeto exigindo dos terapeutas intervenções que proporcionem um olhar capaz de as reconhecer enquanto sujeito psíquico. Se este olhar, por algum motivo, não puder cumprir sua função, ficam comprometidas as possibilidades de evolução psíquica.

## Nossas crianças

Crianças que não falam, crianças que não brincam. Crianças difíceis que muitas vezes não se submetem a uma sala de atendimento e muito menos às regras de uma instituição. Aliás, são encaminhadas ao nosso Projeto justamente por não se submeterem às instituições que tentam estimulá-las e reabilitá-las. Antes deste encaminhamento, geralmente, já fizeram um longo percurso: foram excluídas das escolas normais e encaminhadas a classes ou escolas especiais, excluídas destas e encaminhadas às instituições especializadas que, por fim, nos encaminharam.

As surpresas e impasses desta clínica estão sempre presentes.

Certa vez, um menino de dez anos, portador de uma deficiência audiovisual importante, chegou até nosso serviço. Parecia nada compreender do mundo exterior ou interior. Corria o tempo todo, derrubando o que encontrava pelo caminho; não respondia a nada e a ninguém e, quando conseguia permanecer na sala de atendimento, o mesmo quadro se repetia.

Pareceu-nos fundamental supô-lo um sujeito e, desta forma, oferecer escuta e continência às suas ma-

Quando os pais não encontram recursos para se reconhecer neste ser em falta, resta apenas o reconhecimento da falha que a criança apresenta e representa.

nifestações, permitindo que ele pudesse se apresentar frente a um olhar que pressupusesse um sentido em suas manifestações.

Após muitos meses desta cena repetitiva, Eric foi pela primeira vez em direção aos brinquedos da sala e começou a explorá-los. Surpreendentemente para a equipe, separou-os por categoria, e esta passou a ser sua atividade preferida. Ao lado dos brinquedos, passou a se dedicar à organização em suas atitudes, estruturando jogos e iniciativas de comunicação.

Com o desenrolar do atendimento, pudemos nos certificar que sua condição sensorial não era responsável pelas manifestações que apresentava. À medida em que ele encontrava uma “escuta” que supunha um sentido em suas manifestações, em que era respeitado no caminho que determinava no transcurso da análise, em que era acreditado em seu saber, Eric não precisava mais fazer oposição ao outro; pôde deslocar-se para outra posição.

Seu desgoverno tinha como objetivo lutar contra a condição de “conduzido” a que estava submetido todo o tempo, pois o julgavam, em decorrência de sua condição sensorial, sem saberes sobre si próprio. Queria sua liberdade, decidir seu caminho, correr das mãos que o aprisionavam em uma alienação de si próprio e de seus desejos.

É com esta clínica que trabalhamos - das crianças que, à sua maneira, lutam pela sua condição de sujeito psíquico, tão comprometida pelos diferentes contextos a que são submetidas. A este respeito, escreve Jerusalinsky: “... se escutamos com atenção a demanda dirigida aos terapeutas de crianças, veremos que, além da preocupação pelos sintomas, se manifesta claramente o pedido de que nos ocupemos de que se constitui um sujeito. Mais ainda, podemos registrar facilmente na experiência clínica cotidiana que quando esta demanda de estruturação subjetiva não se encontra presente nos pais e

na criança, essa preocupação se torna - inevitavelmente - nossa”<sup>7</sup>.

### Questões da clínica

Queremos reservar um espaço para falar também dos terapeutas destas crianças, em especial daquelas marcadas pela contingência orgânica. Os profissionais que chegam para o trabalho assustam-se com a idéia deste encontro<sup>8</sup>. Imaginam que haveria um preparo anterior, por acreditar que o sujeito psíquico se encontra atrelado à questão orgânica, e que o conhecimento desta contingência lhes garantiria a chave para compreender a criança.

Deste modo, as contingências orgânicas adquirem o poder de definir os limites que se apresentam na relação terapêutica, tornando-se um elemento importante pelo caráter subjetivo que assumem neste contexto. O profissional fica dominado, por vezes, pela condição da diferença-deficiência que as crianças apresentam, o que inviabiliza um trabalho analítico; a contingência que se abate sobre a criança é mais capturante que sua condição de sujeito psíquico.

uma meta indiscutivelmente importante no trajeto destas crianças; propomos uma história de construção e reposicionamentos subjetivos.

O primeiro momento desta história é marcado pela busca de um código comum. A dificuldade de compartilhar os códigos socialmente instituídos, os códigos da cultura, costuma ser em si uma questão com estas crianças.

Certa vez, no atendimento de um rapaz de 15 anos, Jean, portador de deficiência auditiva e que apresentava raros momentos de intenção comunicativa, um ato falho foi cometido pela terapeuta. Em um destes raros momentos, Jean desenhava um menino e, ao terminá-lo, apontou para si mesmo e depois para ela.

“C’est toi, c’est Jean?” (“É você, é Jean?”) perguntou a terapeuta apontando para ele. Não haveria problema nesta pergunta se ela não tivesse sido formulada em francês!

Ela já conhecia a língua e se surpreendeu com o evento. Percebeu que buscava em todos os seus *arquivos* elementos que colaborassem na construção de uma linguagem comum, na construção de sentidos.

**Trabalhamos com crianças que, à sua maneira, lutam pela constituição de sua condição de sujeito psíquico, comprometidas pelos contextos a que são submetidas.**

co. Quando as condições de análise se apresentam, pouco falamos de peculiaridades que não as do sujeito psíquico que encontramos - peculiaridades da sua subjetividade.

O desafio que significa este encontro de subjetividades na experiência de análise tem se mostrado

Este ato falho fala de duas subjetividades em busca de um reordenamento que permitisse um encontro de significações. A percepção deste lapso, como toda manifestação inconsciente acolhida pelo sujeito, permitiu que a terapeuta ressignificasse alguns elementos daque-

le contexto analítico, o que abriu espaço para uma nova condição subjetiva também para Jean. Esta movimentação apontou para a direção de uma certa qualidade de encontro que passou a acontecer nesta análise, que se traduziu através do aparecimento de uma série de jogos especulares - em seguida a este episódio, Jean iniciou um jogo corporal com sua terapeuta: com as costas encostadas, balançava para frente e para trás.

“É por isso que, ainda quando nossa clínica se desenvolve atravessada pelos ensinamentos que a psicanálise nos oferece, e inclusive na prática mesma da psicanálise de crianças, a regra de abstinência não pode cumprir-se em toda sua extensão.”<sup>9</sup>

### **Jogos especulares: uma das questões desta clínica**

As crianças que atendemos, assim como Jean, determinam por vezes uma possibilidade relacional de tipo especular. É desta forma que os sinais são identificados, ou melhor, intuídos, e é sobre estas bases que se montam as trocas relacionais nas bases do mundo imaginário.

O trabalho com crianças com dificuldades na constituição de sua condição de sujeito psíquico exige do terapeuta, na maioria das vezes, o exercício do jogo especular, o estabelecimento da experiência alienante do *espelho*. Esta visa um movimento posterior de separação, no qual o corte possibilitará a suspensão da prioridade imaginária dominante até então, em direção ao jogo simbólico que recolocará em enquadramento e ordenamento estas posições relacionais.

Na experiência alienante a partir do olhar do Outro, as pulsões autoeróticas se unificam em torno de uma unidade - a unidade narcísica - constituinte, por via identificatória, da possibilidade da existência de um *eu*. Como descreve Sedat<sup>10</sup>, ... “poderíamos dizer que as identificações

são uma lenta hesitação entre o *eu* e o *outro*, ao passo que a identidade é finalmente encontrar um eu que poderia (ilusoriamente) estar livre de qualquer relação de objeto”. Na imagem especular o sujeito busca reconhecimento de sua unidade que só é apreendida no Outro, através da alienação do sujeito na identificação primeira - eu-ideal.

O que acontece com estas crianças que ficam aprisionadas no contexto imaginário?

de sujeito psíquico. Diz E. Forget: “Este investimento da imagem especular é fundamental da relação imaginária, e dá corpo ao objeto do desejo do sujeito, o objeto pequeno *a*; mas ele é sustentado por um paradoxo, pois este objeto *a*, na medida em que falta, não é visível na imagem especular, em que não há imagem da falta, *a* não é especularizável. É assinalar o engodo da imagem na qual o objeto do desejo toma corpo.”<sup>12</sup> Jean sempre

Na possibilidade relacional-especular os sinais são identificados, ou melhor, intuídos, e é sobre estas bases que se montam as trocas de mundo imaginárias.

“o buraco do espelho está fechado agora eu tenho que ficar aqui com um olho aberto, outro acordado no lado de lá onde eu caí

pro lado de cá não tem acesso mesmo que me chamem pelo nome mesmo que admitam meu regresso toda vez que eu vou a porta some<sup>11</sup>

O terapeuta tem de responder por esta passagem através do simbólico, e a partir desta perspectiva podemos levantar algumas idéias. Este jogo especular constituinte - e portanto necessário - deixa de ser constituinte quando se petrifica em nome de uma renúncia a percepção de qualquer falta. Esta percepção permitiria um novo e necessário movimento em direção a uma condição

queria massagens nas costas. Às vezes arriscava desenhar, mas a brincadeira era ele desenhar para em seguida a terapeuta copiar; ou ao contrário.

Dos jogos, o único que passou a lhe interessar, com o tempo, era o de memória: por sinal, este é por excelência o jogo da especularidade, pois consiste em encontrar duas figuras iguais. Mas Jean o usou de uma forma diferente: pediu que lhe entregasse carta por carta, colocando-as ao seu lado, esperando chegar o par correspondente. Primeiro agrupou os pares, e depois os reagrupou por categoria: frutas, animais, etc. Para cada figura, apresentava sua tradução na linguagem de sinais, prestando muita atenção aos seus detalhes.

Outro movimento deste jogo especular é o pedido de Jean para que sua mãe tirasse uma foto da terapeuta e dele, na sala de espera. A fotografia tem uma relação direta com *espelho* uma vez que reflete a imagem captada, mas não é um espelho.<sup>13</sup>

Jean voltou a pedir massagens nos ombros, nas mãos, na face. Deitava-se logo que chegava e a única comunicação que estabelecia com a terapeuta era de colocar as mãos nos ombros em gesto de pedido de massagens. Por várias sessões a terapeuta respondeu a este pedido, uma vez que eram tão pobres os recursos de comunicação. Notava entretanto que não podia parar nem para arrumar melhor sua posição, e ele já repetia insistentemente o gesto de pedido.

A função do analista é oferecer uma possibilidade de sustentação simbólica para o reconhecimento da falta.

Diante da impossibilidade de responder aos pedidos, a terapeuta disse “não” a Jean, sem prever que com isto desencadearia uma série de mudanças em seu comportamento.

Ele passou a gritar, dar urros. Insistia em seu pedido, pegando a mão da terapeuta e colocando-a nos seus ombros. Os urros, no entanto, não a fizeram mudar de postura. Jean passou a gritar e a bater na mesa, produzindo muito barulho e ameaçando agredi-la.

“Nesse caso, a dificuldade da transferência consiste, para o analista, em tomar o lugar do que fala no interior do corpo do paciente, isto é, em tomar o lugar das tripas, dos músculos, das sensações ritmadas, das pulsações do sangue, de tudo o que constitui o outro invisível do psicótico....

Por isso é que é difícil para um terapeuta ser a uma só vez um ser da linguagem e uma prótese das pulsões do psicótico, cujo duplo impacto passivo e ativo-agressivo está dissociado.”<sup>14</sup>

Isto se repetiu por algumas sessões até que Jean, de repente levantou-se e saiu correndo da sala, gritando, até a sala de espera. Lá, não encontrando sua mãe, correu para a rua em desespero.

A terapeuta abraçou-o, segurou-o com força para contê-lo e acalmá-lo. Levou-o de volta à sala, e ele, aos poucos, foi parando de gritar e se acalmando.

Sua terapia encontra-se nesta etapa. O caso ilustra quão intensa é a luta para libertar-se deste aprisionamento especular que envolve ambos; mas a função materna existe para ser desfeita, uma vez desempenhado seu papel. Os limites da terapeuta exigiram de Jean um confronto com seus próprios limites imperceptíveis, até então, na completude ilusória do mundo imaginário.

Jean precisa responder a este impasse, e os caminhos que encontrará só serão conhecidos a posteriori. Mas a função do analista, neste caso, é oferecer uma possibilidade de sustentação simbólica para o reconhecimento da falta, da incompletude. Se este caminho puder ser percorrido, Jean terá de submeter seu mundo interno a um reordenamento tal que sustente a inscrição da falta e o constitua enquanto sujeito do desejo. Este não será um caminho fácil.

O jogo especular, no atendimento, ganha em cada caso um colorido especial e demanda do

terapeuta um posicionamento específico. Esta questão exige, portanto, um aprofundamento detalhado. Neste momento, ao apresentar as configurações desta clínica de crianças, o que pretendemos é defender a idéia de que *onde há sujeito há análise possível*. Esta é a nossa história e os embates com os quais temos de nos haver; e neste momento os estendemos a você, leitor. ■

#### NOTAS

1. Escreve Anna Freud: “A criança não está pronta, como o adulto, a empreender uma nova edição de suas relações amorosas, porquanto... a antiga edição não se encontra ainda esgotada. Os primeiros objetos de sua afeição, os pais, existem ainda para ela enquanto objeto de amor na realidade, e não, como é o caso dos neuróticos, somente na imaginação.” *O tratamento psicanalítico da criança*, Rio de Janeiro, Imago, 1971.
2. A. Jerusalinsky, “La Educación, es terapéutica? Acerca de tres juegos constituyentes del sujeto”, in *Escritos de la Infancia*, nº 4, Buenos Aires, Ediciones FEPI, 1994, p. 11.
3. E. Benveniste, *Problemas de Linguística Geral I*, Campinas, Pontes, 1991, p.84.
4. Sobre isto leia de B. Tanis, *Memória e Temporalidade – sobre o infantil em Psicanálise*, S. P., Casa do Psicólogo, 1995.
5. Fazem parte do Projeto Espaço Palavra: Juliana Hernandez, Michele Cukiert, Maria Amélia Pereira Souza, Juliana de Paula Eduardo Azevedo, Teresinha Natal Meirelles, Rute Pereira, Alessandra Cássia Leite Barbieri, Vera Cortez e Silvana Rabello.
6. A confluência orgânico/psíquico parece ser um importante tema a ser desenvolvido, mas em outra oportunidade.
7. A. Jerusalinsky, op. cit., p. 11.
8. Sobre este assunto cf. E. Goffman, *Estigma – Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*, Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1982 e H. Bleichmar, *O Narcisismo – Estudo Sobre a Enunciação e a Gramática Inconsciente*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.
9. A. Jerusalinsky, op. cit., p. 12.
10. J. Sedat, “Identificação”, in P. Kaufmann, *Dicionário Enciclopédico de Psicanálise*, Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1996, p. 256.
11. E. Scandurra e A. Antunes, “O buraco do espelho”. Letra musicada no disco *O Silêncio de Arnaldo Antunes*, 1996.
12. J. M. Forget, “Lembrança Encobridora – precisão e surpresa”, in *Dicionário de Psicanálise: Freud e Lacan*, Salvador, Ed. Ágalma, 1994, p. 105.
13. R. Barthes, em *A Câmara Clara*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p. 15, coloca que “...a fotografia pertence a esta classe de objetos folhados cujas duas folhas não podem ser separadas sem destruí-los: a vitraça e a paisagem, e por que não: o bem e o mal, o desejo e seu objeto: dualidades que podemos conceber, mas não perceber...”
14. F. Dolto, *Seminário de Psicoanálise de Niños*, México, Ed. Siglo Veinteuno, 1984, p. 74-75.